

Ministério da
Cultura apresenta

80

mostra
3M de
arte

largo
da
batata
/sp

15.09 à
14.10.2018



PATROCÍNIO

3M



REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA
CULTURA GOVERNO
FEDERAL

Bem-vindos à 8ª Mostra 3M de Arte!

Conheçam o pensamento livre e sem limites dos artistas da 8ª Mostra 3M de Arte. Artistas que pensaram coisas que não foram pensadas e nos levam a refletir sobre convergências e coincidências das expressões das artes e da ciência entre muitos outros temas.

São instalações e intervenções artísticas no Largo da Batata, zona oeste da cidade de São Paulo. Cada obra de arte é um acontecimento porque todas são inéditas e posicionadas de forma a serem valorizadas e, ao mesmo tempo, desencadearem conexões entre elas e o ambiente urbano vivo e pulsante.

Importante que neste ano foi realizada mais uma ação especial: um edital lançado em abril com o chamamento de artistas de todo o Brasil para realização de uma das obras de arte com um prêmio/verba para sua execução. Foram 67 inscritos. O trabalho vencedor selecionado pelo curador do convidado para o edital, Bernardo Mosqueira (Rio de Janeiro, RJ, 1988), foi o de Regina Parra (São Paulo-SP, 1981).

O Largo da Batata pela segunda vez se tornou um espaço privilegiado para conversas, reflexões e construção de vida pública comum. Talvez essa seja uma rara oportunidade de ter uma experiência estética de cunho humanista com artistas que reinventam a arte.

Hoje em dia com tantas distopias e mudanças nas políticas globais, o público do Largo da Batata poderá se dar conta dos valores e princípios que mobilizaram os artistas contemporâneos da 8ª Mostra 3M de Arte.

*Distopia: lugar ou estado imaginário em que se vive em condições de extrema opressão ou privação.

Por que a 8ª Mostra 3M de Arte acontece no Largo da Batata?

Porque foi pensada especialmente para os milhares de usuários deste espaço simbólico de São Paulo como um projeto de arte pública, uma intervenção urbana onde poderão ter acesso direto a seis obras de arte de artistas contemporâneos e vivenciar uma experiência estética, social e política.

Porque o mundo está à disposição dos artistas. Para suas criações, eles passaram a utilizar múltiplas mídias, vídeo, alimentos, softwares, seus corpos, luzes, seus DNAs, objetos industriais e as cidades, entre muitas coisas. Não há campo do conhecimento mais complexo e livre do que a arte.

Porque, como em um teatro, o Largo da Batata se tornará um imenso “palco” onde a curiosidade e o percurso dos visitantes determinarão as interações com as obras de arte.

Porque a 8ª Mostra 3M de Arte apresenta um conjunto potente de expressões artísticas que instigam o pensamento crítico, a percepção social e a consciência cultural.

Intervenção Urbana - É o termo utilizado para designar os movimentos artísticos relacionados às intervenções visuais realizadas em espaços públicos.
Para saber mais veja: www.intervencaourbana.org

**Para pensar quando desejar:
Diante de uma obra de arte é só o espectador quem decide se tem ou não desejo de parar por um tempo para contemplá-la. É ele que determina o quanto de sua carga subjetiva deseja envolver para procurar sua porta de entrada pessoal.**

Você sabe qual a história do Largo da Batata?



Uma viagem no túnel do tempo.

Vários historiadores consideram o Largo da Batata como o local de origem do bairro de Pinheiros, na zona oeste de São Paulo. Ele sofreu muitas transformações históricas e completou 457 anos em 2017. Há registros da ocupação da região por indígenas por volta de 1560, ano que marca a fundação do bairro de Pinheiros.

Mercado dos Caipiras no início do século XX
Foto: Raul Goldschmidt da Coleção Jurandyr Goldschmidt.

Os índios guaianás ou guaianases que foram um agrupamento indígena sul-americano que povoou regiões entre São Paulo de Piratininga e o Uruguai até o final do século XVI. Eles teriam sido transferidos da Vila de São Paulo de Piratininga para a região, onde foi fundada a capela de Nossa Senhora da Conceição, pelos jesuítas José de Anchieta e Manoel da Nóbrega. Até o século XX, o bairro de Pinheiros servia basicamente como passagem para o cinturão agrícola na atual região da Raposo Tavares. Os produtores vinham de lugares como Cotia, Piedade, Itapeverica, Carapicuíba para comercializar seus produtos no largo. Em 1910, foi inaugurado o Mercado dos Caipiras para dar suporte às vendas de alimentos.



O mercado representou a fixação dessa nova funcionalidade para o bairro e, nos anos 1920, o nome Largo da Batata começou a ser utilizado, informalmente, por conta da comercialização de batatas por imigrantes japoneses. Em 1928, esses mesmos japoneses criaram no largo a Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC) e o nome Largo da Batata se fixou.

Para saber mais:

<https://spcity.com.br/nome-largo-da-batata/>

Cooperativa Agrícola de Cotia nos anos 1920
(Fonte: www.saopaulo.com.br)

O que é arte contemporânea?

A arte contemporânea começa a acontecer no período depois da Segunda Guerra Mundial que resultou em uma série de transformações no mundo. Ela se organiza a partir de princípios muito diferentes dos da arte moderna na primeira metade do século XX. Reflete o espírito da segunda metade do século XX até hoje, em que as mudanças têm sido mais rápidas do que a capacidade de compreendê-las. Os artistas passam a ter uma nova consciência dessas transformações, tanto na sua existência como nas condições históricas da sociedade. Estas obras de arte poderão parecer, à primeira vista, totalmente diferentes do que já viram, mas os convidam a conhecer algo realmente novo. São instalações e intervenções às vezes misteriosas, incompreensíveis,

surpreendentes ou até desconcertantes que estimulam as pessoas a se tornarem espectadores ativos apropriando-se da cidade.

Para pensar enquanto procura entender: “Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo ele é capaz, mais que os outros de perceber o seu tempo.”

“A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo,

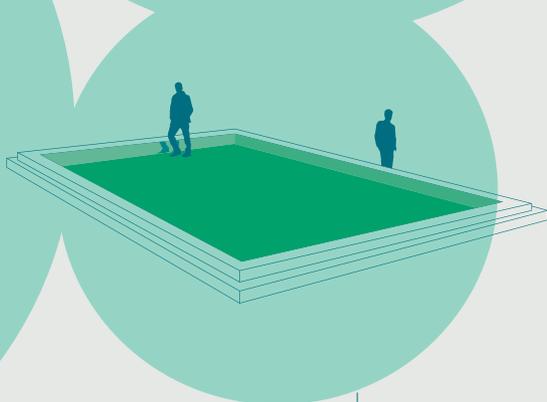
dela toma distâncias; mas, precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a este aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela.”

AGAMBEN, Giorgio. O que é contemporâneo? Tradução Vinícius Nicastro Honesko. .58 e 59. Chapecó: Editora Argos, 2009. O filósofo italiano Giorgio Agamben (Roma, Itália, 1942) além de ensaísta é professor universitário em Veneza e em Paris. Foi aluno de Martin Heidegger, trabalhou com Pier Paolo Pasolini e escreveu sobre Italo Calvino, Jacques Derrida e Walter Benjamin, entre muitos outros.

Porque esses artistas estão juntos na 8ª Mostra 3M de Arte?

- Porque são artistas que produzem indagações e reflexões que nos levam a pensar sobre o lugar do ser humano na cidade.
- Porque colocam o espectador em primeiro plano, como protagonista para que produza significados, exercite o olhar, a contemplação e a linguagem colocando seus diferentes pontos de vistas e experiências.
- Porque suas obras de arte não tem um único sentido, mas despertam diferentes interpretações. Cada interpretação diz alguma coisa, mas no fundo, enxerga algo que a outra não viu.
- Porque criaram obras de arte que possibilitam uma compreensão poética e crítica da vida além da revolução digital 4.0 e da quarta revolução industrial que estamos vivendo.
- Porque para eles, o mais importante não é representar a realidade, mas provocar indagações sobre a cidade, o mundo e a própria arte.
- Porque a arte contemporânea é um campo de inter humanidades que possibilita novas relações sociais entre as pessoas.
- Porque o diálogo entre as seis obras de arte da Mostra estimula o saber da experiência sensível, além do pragmatismo da educação só “para o mercado de trabalho”.

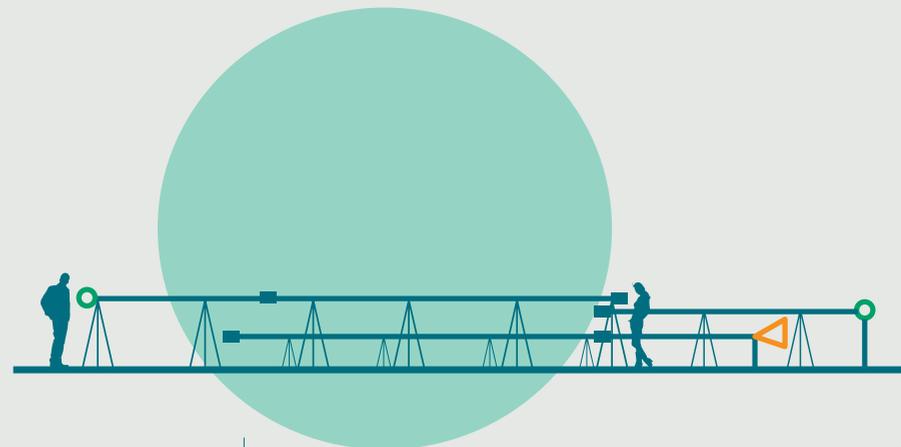
Quem são os artistas e suas obras de arte?



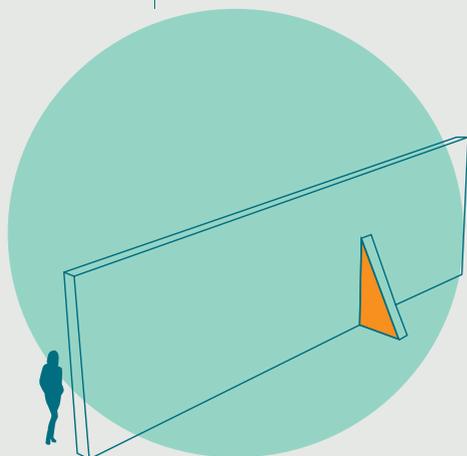
Eduardo Coimbra



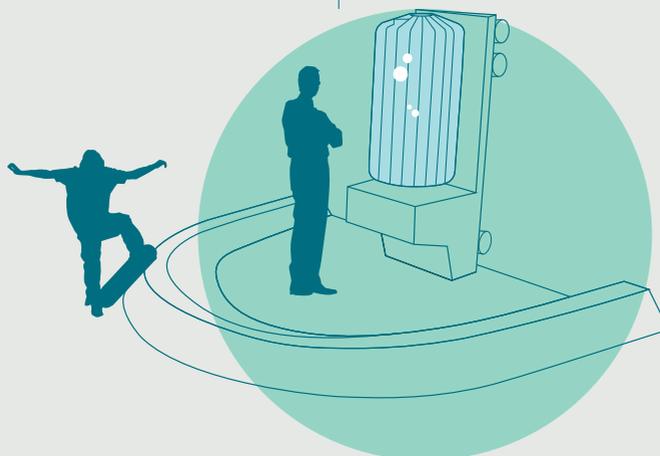
Marcos Musi E Rafael Cotait



Raquel Kogan



Estela Sokol



O Grupo Inteiro



Regina Parra

Quem é Eduardo Coimbra?



Eduardo Coimbra

Nascido no Rio de Janeiro, RJ, 1955. Vive e trabalha na mesma cidade. Eduardo Coimbra é graduado em Engenharia Elétrica pela PUC- Rio e cursou pós-graduação em História da Arte e Arquitetura no Brasil na mesma instituição. Seus trabalhos revelam manipulação de variados materiais e as temáticas com que lida abrangem propostas tanto para a escala de interiores, como ambientes domésticos e salas de exposições, quanto projetos para o espaço público, parques e praças. Possui trabalhos em importantes coleções particulares no Brasil e no exterior, e em instituições como Museu de Arte Moderna e Museu do Açude no Rio de Janeiro, Museu de Arte Contemporânea do Paraná e Pinacoteca do Estado de São Paulo. Realizou exposições individuais e participou de coletivas em

diversas instituições e galerias no Brasil, Inglaterra, Estados Unidos, Espanha, Portugal, Áustria e Argentina.

Veja o comentário sobre seu trabalho:

“Eu penso um trabalho e o jeito que o trabalho aparece na minha cabeça já traz a maneira como ele vai ser feito. Eu não penso um negócio e depois fico às voltas com ‘como eu vou fazer aquilo’, isso não existe.”

Com frequência, Coimbra convida o público a participar diretamente de suas obras. Por exemplo, na obra apresentada em 2011 no Museu de Arte da Pampulha – Natureza da Paisagem –, os visitantes são convidados a caminhar sobre gramados amplos cujas bordas se dissolvem em pequenos vasos de grama individuais.

No decorrer da carreira, em diálogo com a arquitetura, desenvolveu projetos para espaços habitáveis e pesquisou registros, conceituações e recriações de paisagens, produzindo trabalhos fotográficos, desenhos, colagens, instalações em espaços institucionais, maquetes e projetos para o espaço público. Eduardo Coimbra participou da 29ª Bienal de São Paulo (São Paulo, Brasil, 2010) e da 3ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre (Porto Alegre, Brasil, 2001).

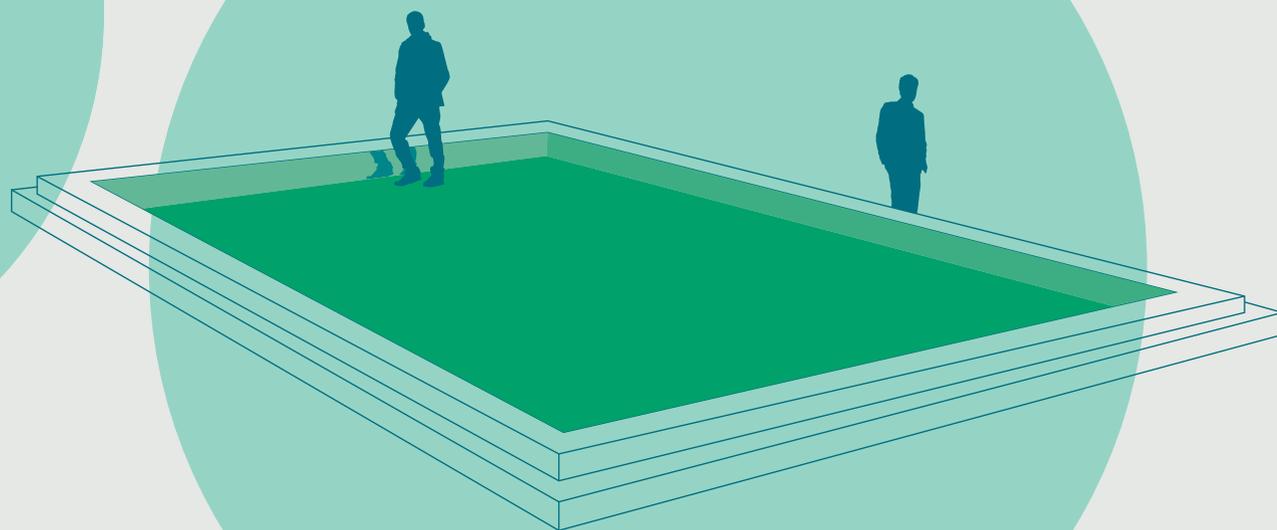
Algumas de suas exposições individuais mais recentes foram: Fatos Arquitetônicos (Galeria Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil, 2015); Uma escultura na sala (Casa de Cultura Laura Alvim, Rio de Janeiro, Brasil, 2015); Futebol no Campo Ampliado (Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil, 2014); 2 Esculturas (Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); Entre arquitetura e paisagem (Studio X, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); Projeto Nuvem (Lexus Hybrid Art Project, Moscou, Rússia, 2013).

Coimbra surpreende o público com um ambiente imprevisto: um parque atemporal gramado e infinito que se expande sobre, dentro e sob o Largo da Batata.

A obra de arte “Parque” consiste de uma plataforma de madeira circundada por dois degraus que atingem uma altura de 0,5m e definem um espaço interno.

O espaço interno tem o piso forrado por grama sintética e as paredes laterais cobertas por espelhos. O artista convida o público a pisar neste espaço de lazer e simbolicamente sentir-se próximo da natureza. Ele propõe uma experiência com a paisagem, isto é, perceber como um conjunto de fenômenos se manifestam, seja através do tempo ou do espaço e estudar a essência das coisas e como são percebidas no mundo: o corpo do espectador diante da paisagem, em sua profundidade espacial

e temporal. Conforme o deslocamento do espectador, há uma rica percepção do espaço. A materialidade da paisagem é aqui, curiosamente, evidenciada pela virtualidade, ou seja, pelo efeito de infinitude que os espelhos produzem.



Parque

Eduardo Coimbra

Madeira, espelho, grama sintética
60 x 7000 x 9000 cm
Obra interativa
2018

Montagem: José Claudio dos Santos
e José Roberto da Silva Filho

Ao longo da história da arte houve a incorporação de avanços da ciência e da tecnologia no conjunto de técnicas utilizadas pelo artista para compor uma obra, como por exemplo, o uso de sistemas de lentes e espelhos como auxiliares nos processos de composição pictórica por pintores do século XVII. Nessa época, a produção de pinturas com o auxílio desses recursos se constituía em uma novidade que possibilitava aos artistas entrarem no mundo novo dos fenômenos ópticos, explorando formas possíveis de registro de imagens em suas telas.

Sobre espelhos

Espelhos e seus reflexos em obras artísticas foram resultado de processos científicos especialmente na Europa, a partir do século XII. Os artistas os utilizam para criar poéticas pictóricas, desde a Renascença à arte contemporânea. Segundo David Hockney, pintor, cenógrafo, fotógrafo e gravador britânico (Bradford, Reino Unido, 1937), no fim da Idade Média surgiram espelhos fabricados com vidro, cujo dorso das lâminas recebia finas camadas de aço, prata ou chumbo. De acordo com registros do ano de 1250, o chumbo era o mais eficiente para o reflexo das imagens. Em 1835, o químico Justus von Liebig (Darmstadt, Alemanha - 1803 — Munique, Alemanha - 1873) desenvolveu

um método para aplicar uma fina camada de prata metálica sobre vidro, dando origem aos espelhos modernos. Com o passar das décadas, a técnica de von Liebig foi aperfeiçoada e se espalhou pelo mundo, e hoje há espelhos de incontáveis formatos e tamanhos.

De 4.000 a 3.000 a.C., povos da Mesopotâmia (onde hoje fica o Iraque, país do Oriente Médio, Ásia) e do Egito começaram a fabricar espelhos usando chapas de cobre polido. Cerca de mil anos depois, habitantes da América Central e da América do Sul poliam pedras para que pudessem ser usadas como espelhos – na China, usava-se bronze.

O artista explora o potencial de interação entre as pessoas nos espaços públicos e a relação entre estética e campo científico. O embate insolúvel entre natureza e artifício. A arte contemporânea é multidisciplinar e transdisciplinar. Sua força e potência estão exatamente nas conexões que os artistas fazem com diversas áreas do conhecimento humano. Coimbra é mais conhecido por suas instalações multimídia site-specific, ou seja, "com obras criadas de acordo com o ambiente e com um espaço determinado. Tratam-se, em geral, de trabalhos planejados, em local certo, em que as obras de arte dialogam com o meio circundante. Nesse sentido, a noção de site specific liga-se à ideia de arte ambiente, que sinaliza uma tendência da produção contemporânea de se voltar para o espaço - incorporando-o à obra e/ou transformando-o -, seja ele o espaço da galeria, o ambiente natural ou áreas urbanas."

Se quiser saber mais sobre site-specific:
<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5419/site-specific>

Um mundo sem literatura, sem arte, se transformaria em um mundo sem desejos, sem ideais, sem desobediências, um mundo de autômatos privados daquilo que torna humano um ser humano: a capacidade de sair de si mesmo e se transformar em outro, em outros, modelados pela argila dos nossos sonhos." Mario Vargas Llosa escritor, jornalista, ensaísta e político, Peru, 1936).

Coimbra nos faz constatar que a arte não existe para criar conhecimento de forma imediata, mas para produzir o aprofundamento de percepções de experiências e vivências pessoais e sociais.

Qual a dimensão do pensamento de Eduardo Coimbra?

Sua obra funciona como um elo entre a poética de memória e a da paisagem. Será que a paisagem só existe quando alguém a vê? Coimbra pensa a paisagem como uma coisa compreendida como extensão do espaço visual. O interesse de Eduardo Coimbra pelas questões que permeiam o estudo da paisagem e do espaço desdobra-se em instalações, maquetes, objetos, fotografias e desenhos.

Eduardo Coimbra iniciou sua carreira no começo dos anos 1990, com trabalhos em que objetos familiares eram resgatados da anonimidade, ou seja, a qualidade de algo que é anônimo, através do uso de pequenos motores, luminosos e mecanismos elétricos.

Ao longo dos anos, contudo, o foco da ação do artista tem se deslocado gradualmente para trabalhos de grande escala, culminando com a realização de importantes instalações públicas. De estádios de futebol a nuvens, o artista operacionaliza termos que permitem reconfigurar a noção corriqueira que se tem sobre o espaço.

“Eu comecei a me aproximar mais do diálogo de arquitetura, primeiramente com os espaços institucionais e depois eu fui para fora mesmo, aí sim o meu trabalho se relaciona com espaço de uma maneira ampla, muitas vezes até forçando esses limites entre interior e exterior dos espaços institucionais da arte. Contudo, meu interesse mesmo é provocar nas pessoas,

no espaço físico delas, onde elas vivem, circulam”.

Além de trabalhos de grande escala, é digno de nota que até uma produção mais intimista, como a da grande série de maquetes realizadas a partir de 1999 ou as fotografias/colagens em que ilhas aparecem flutuando no céu, em um cenário quase onírico (série Asteróides), apontam para esse desejo de grandiosidade.

Uma outra interpretação do real.

“A vontade que eu tenho de fazer arte, justamente, é trabalhar na criação dessa inteligência compartilhada com o público. Do público poder olhar o meu trabalho e aquilo ali dar um ‘click’ na cabeça dele [...] E mesmo que seja só um click, eu acho que essa coisa de mexer na cabeça da pessoa, de colocar uma possibilidade de uma nova interpretação do real é o que me interessa em fazer arte, acho que é pra isso que serve”.

“[Meu] trabalho se relaciona com espaço de uma maneira ampla, muitas vezes até forçando esses limites entre interior e exterior dos espaços institucionais da arte, os limites entre os conceitos de arte, arquitetura e paisagem”.

De acordo com o curador Agnaldo Farias (Itajubá, MG, 1955), professor, curador e crítico de arte, “o artista parece defender a ideia que tanto é tangível à paisagem exterior, aquela pela qual se passeia ao mesmo tempo em que se vai colhendo com os olhos, quanto às representações da paisagem. Mais do que isso, trata-se de dois termos indissociáveis. Isto porque a pele do mundo é igualmente constituída pelas ideias e imagens que lhes são extraídas. Aquele que passeia pelo mundo é simultânea e inevitavelmente centro desse mundo; é quem o funda”.

Pode-se dizer que o cerne da pesquisa do artista carioca se define pela proposição de uma reflexão acerca da paisagem, sobretudo da representação da paisagem,

com as inúmeras ramificações que esta reflexão engendra e pressupõe, em especial a relação entre paisagem naturalista e paisagem imaginária, e o lugar da produção contemporânea na história de um gênero iconográfico clássico.



Título: Escultura



Título: Natureza da Paisagem



Título: Nuvem



Título: Passarela

Para conhecer mais obras de arte de Eduardo Coimbra:

[https://www.artsy.net/artwork/eduardo-coimbra-fato-arquitetonico-5.](https://www.artsy.net/artwork/eduardo-coimbra-fato-arquitetonico-5)

[https://carbonogaleria.com.br/obra/horizontes-iv-186#biografia.](https://carbonogaleria.com.br/obra/horizontes-iv-186#biografia)

[https://www.escrioriodearte.com/artista/eduardo-coimbra.](https://www.escrioriodearte.com/artista/eduardo-coimbra)

[https://nararoesler.art/artists/38-eduardo-coimbra/.](https://nararoesler.art/artists/38-eduardo-coimbra/)

[http://www.premiopipa.com/pag/artistas/eduardo-coimbra/.](http://www.premiopipa.com/pag/artistas/eduardo-coimbra/)

[http://www.premiopipa.com/pag/artistas/eduardo-coimbra/entrevista-com-eduardo-coimbra---transcricao/.](http://www.premiopipa.com/pag/artistas/eduardo-coimbra/entrevista-com-eduardo-coimbra---transcricao/)

Quem é Estela Sokol?



Estela Sokol. Foto: Gabi Carreira

Nasceu em 1979, em São Paulo, cidade onde vive e trabalha. Por meio da combinação de materiais relativamente antagônicos, ou seja, o que significa o contrário, adverso, incompatível,

contraditório, divergente, rival. A artista desenvolve abrangente pesquisa sobre a cor, a luz e sua presença no espaço, trabalhos que se apresentam muitas vezes como pintura ou escultura.

Participou de diversas mostras no Brasil e no exterior, dentre as quais se destacam as exposições individuais Secret Forest (Gallery 32, Londres, Reino Unido, 2011), Licht Konkret (Galerie Wuensch, Linz, Áustria, 2011), A Morte das Ofélias (Galeria Anita Schwartz, RJ, 2011), Clarabóia (Paço das Artes em São Paulo, SP, 2010) e Sol de Inverno (Palácio das Artes, Belo Horizonte, MG, 2008).

Das exposições coletivas com vários artistas, destacam-se: III Bienal Del

Fin Del Mundo (Ushuaia, Argentina, 2011), 16º Bienal de Cerveira (Cerveira, Portugal, 2011), Nova escultura Brasileira (Caixa Econômica Rio de Janeiro, RJ, 2011) Mapas Invisíveis (Caixa Cultural São Paulo, SP, 2011), Arte Lusófona Contemporânea (Memorial da América Latina, São Paulo, SP 2011), Light Art Bienalle (Linz, Áustria, 2010), Nova Arte Nova (Centro Cultural Banco do Brasil no Rio de Janeiro e São Paulo, 2008-09).

Ganhou prêmio no I Concurso Itamaraty de Arte Contemporânea em 2011; Realizou Mostras no exterior, dentro do Programa Brasil Arte Contemporânea, Fundação Bienal São Paulo 2010; Temporada de Projetos Paço Das Artes, SP, em 2009; Edital Revelação MACC, SP, em 2004.

Qual a dimensão do pensamento de Estela Sokol?

A artista conduz uma investigação formal sobre a presença física da cor/luz, desde seus primeiros trabalhos. A relação entre física e arte foi estreita ao longo da história. Ela interfere na natureza com diversos materiais, sempre com o mesmo objetivo: traduzi-los em “pintura”, mesmo quando não há tinta envolvida no processo. A luminosidade que cada peça libera e transforma o olhar do espectador. Ela cria uma situação totalmente nova para cada lugar. A artista trabalha de forma sutil para acender a nossa percepção, para nos tornar mais conscientes da nossa própria percepção da cor e da luz no espaço.

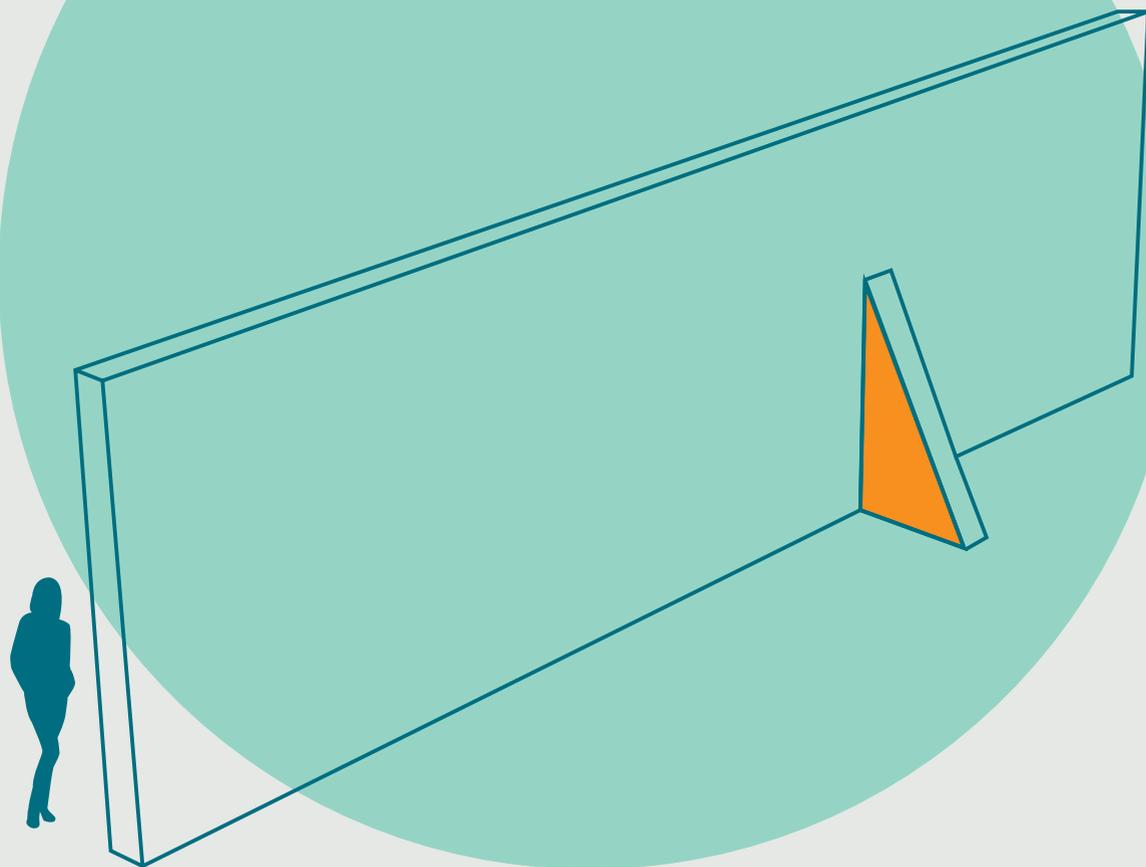
“Costumo desenvolver vários trabalhos ao mesmo tempo e normalmente esta dinâmica me proporciona um constante fazer. Uma coisa leva à outra. Crio problemas e tento solucioná-los.”
Estela Sokol

Um muro branco de 12 metros de comprimento e um pequeno triângulo, ambos de concreto, são justapostos em Contraforte. Com nome emprestado do vocabulário da arquitetura e combinando com seu significado, a obra se constrói por aquilo que se faz apenas estruturalmente necessário: duas formas que, juntas, se mantêm em pé. O diálogo com o Largo da Batata se propõe pelo mínimo: pelo que pode haver de silencioso ali, espelhando outras formas e objetos vizinhos, indicando semelhanças e repetições de eixos e presenças. Diferente dos contrafortes da história da arquitetura, o que este protege é uma pequena superfície triangular pintada de amarelo luminoso, uma ideia de cor-luz. Em diálogo aberto com a cidade,

o trabalho assim como um muro, é um convite mudo a intervenções que se possam dar durante sua estada no local. O contraforte protege a luminosidade da cor e não a estrutura: esta revelará diferentes nuances de acordo com os deslocamentos do sol e do espectador.

O que contraforte significa na arquitetura?

É um reforço de um muro ou muralha, geralmente constituído de um pilar de alvenaria na superfície externa ou interna de uma parede, para sustentar a pressão de uma abóbada, terraço ou outros esforços que possam derrubá-la. Comumente chamado por pedreiros de “gigante”.



Contraforte Estela Sokol

Concreto e tinta vinílica
350 x 120 x 35 cm
2018

Coordenação e projeto executivo: **Oficina São João**;
Execução: **Hengles Engenharia e Construção**;
Consultoria: **Ary Perez**; Agradecimentos: **Ary Perez**,
Rubens Azevedo e **Ozéia Hengles**

A relação entre arte e física sempre foi muito próxima.

O que é cor? Foi na Grécia que se começaram os estudos acerca da cor e muitas foram as descobertas até hoje. A cor que percebemos não é material, mas é uma sensação provocada pela luz sobre os nossos olhos. Por isso, onde não há luz, não existe cor, apenas preto e tons de cinza. Foi Isaack Newton, astrônomo, alquimista, filósofo natural, teólogo, cientista, mais reconhecido como físico e matemático.

(Manor, Inglaterra, 1643, Londres, Inglaterra, 1727) que descobriu que a luz branca na verdade é composta por 7 cores, as cores do arco íris. Ele fez esta descoberta quando a luz passou por um prisma e descompôs a luz do sol e várias cores.

O que é cor-luz?

Cor-luz é a estreita faixa de frequência do espectro luminoso visível dentro da qual o olho humano identifica determinada tonalidade de cor. Baseia-se na luz solar ou em fontes luminosas artificiais. E é observada essencialmente nos raios luminosos, como por exemplo, quando você vê uma lâmpada emitindo uma luz vermelha. A cor-luz branca solar representa a própria luz capaz de se decompor em todas as cores. A cor-pigmento é a cor observada no reflexo da luz em algum objeto. Diferentes materiais refletem apenas determinadas faixas do espectro visível, decompondo a luz natural branca resultando na cor observada especificamente. A tinta é a substância na qual pigmentos são concentrados e usados para imitar o fenômeno da cor-luz. O pigmento surge extraído da natureza, em materiais de origem vegetal, animal ou mineral. Paralelamente, não pode ser esquecido a forma como a cor surge ao olho humano e ainda a interferência que a intensidade da luz (luminosidade) poderá ter sobre a mesma. Cor-pigmento e Cor-luz <https://www.teoriadascorres.com.br/cor-pigmento-e-cor-luz.php>

Mas, como vemos as cores?

A luz bate no objeto, que reflete sobre a sua cor e absorve todos os outros raios luminosos. O que difere uma cor da outra é um simples fenômeno físico: O comprimento de onda. As cores são

ondas do espectro eletromagnético vibrando em velocidades diferentes. As cores são ondas do espectro eletromagnético vibrando em velocidades diferentes.



Estela Sokol: white heat. parafina, gesso, espuma, feltro e mármore 13cm x 7m70 x 6m30



Estela Sokol: sem título (da série Púrpuras), PVC e PV sobre chassis, 180x120cm, 2015. Foto Gui Gomes



Estela Sokol: 17 nove quadrados (da serie púrpuras). pvc e pu sobre chassis. 120 x 120 cm. 2015



Estela Sokol: Secret Forest series.
Impressão sobre papel algodão. 165x 110
cm. 2011 Upper

Estela Sokol: Polarlicht series. Impressão
sobre metacrilato. 80x110cm



Estela Sokol: sem título
(da série polarlicht).
Impressão sobre
metacrilato. 115 x 100
cm. 2011



Estela Sokol: Sem título.
(vrais rouge series).
Mármore e pigmento.
130x190x40cm. 2012.
Foto Gui Gomes



Estela Sokol: Meio Dia,
emborrachamento
automotivo e tinta, 250 x
580 x 580cm. 2007. foto
Domingues



Estela Sokol: alvorada.
madeira laqueada e
pigmento, 45 x 60 x 60cm.
2014

Estela Sokol: greta garbo. resina poliéster com
fibra de vidro e carga de quartzo, luz led e placa
solar. 270 x 540 x 216 cm. 2018



Para conhecer mais as obras de Estela Sokol:

<http://amgaleria.com.br/artists/estela-sokol/>.

https://www.artsy.net/artist/estela-sokol?page=1&sort=-partner_updated_at.

<https://www.anitaschwartz.com.br/artista/estela-sokol/>.

<https://www.canallondres.tv/estela-sokol-secret-florest>/<http://dasartes.com/materias/estela-sokol/>.

<http://www.premiopipa.com/pag/estela-sokol/>.

<http://www.zippergaleria.com.br/pt/artistas/estela-sokol/!#>.

Quem são Marcos Muzi e Rafael Cotait?



Marcos Muzi nasceu em Piracicaba, SP, 1966. Vive e trabalha em São Paulo. Fotógrafo profissional. Dedicou-se a ilusões óticas e estereoscopia há várias décadas. Muzi conquistou avanços no contexto da estereografia, ou seja, a representação de objetos tridimensionais em um plano e da ilusão ótica. Atuou como fotojornalista em diversas publicações de prestígio e fundou a empresa Fator Z, dedicada exclusivamente a projetos relacionados à estereografia 3D e realidade virtual.

Sua pesquisa inclui brinquedos filosóficos e aspectos gerais da ótica.

O que é estereoscopia?
É uma técnica usada para se obter informações do espaço tridimensional, através da análise de duas imagens obtidas em pontos diferentes. O fato de o ser humano ter dois olhos permite-lhe, através da estereoscopia ter a noção de profundidade espacial, com o objetivo de, por exemplo, ter a noção da distância a que se encontram os objetos.

A estereoscopia humana é a análise de duas imagens da cena que são projetadas nos olhos, em pontos de observação ligeiramente diferentes (distância pupilar), sendo que o cérebro funde as duas imagens no córtex visual, e nesse processo, o indivíduo obtém informações quanto à profundidade, distância, posição e tamanho dos objetos, gerando uma sensação de visão tridimensional.

Rafael Cotait nasceu em Curitiba, PR, 1982. Vive e trabalha em Curitiba. Designer gráfico (UFPR, 2007), pesquisa e desenvolve ilusões óticas, já realizou ensaios e exposições com técnicas inusitadas de geração de imagens 3D. Trabalha também com produção de vídeo 360° e projeção mapeada. Em 2011 fez com Muzi instalações interativas com espelhos na exposição do artista holandês M. C. Escher, que percorreu as capitais Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e Vitória (2014). Foi a exposição mais visitada no mundo em 2011 segundo publicação da "Art Newspaper". Em 2013 realizaram nova montagem dessas instalações- "A Magia de Escher" – com espelhos em Curitiba e Belo Horizonte. Na soma da itinerância, a expo-sição

atinge a notável marca de dois milhões de visitantes. Foram responsáveis pela concepção e pelo projeto em 2015 da instalação interativa "Câmera Mondrian" na exposição "Mondrian e o movimento" em que os visitantes vivenciavam a experiência de fazer parte de uma obra do artista e publicavam suas imagens nas redes sociais. Em 2016/17, foram responsáveis pelo projeto "Perspectiva Movimento", série de anamorfoses e intervenções com o tema olímpico nos espaços de circulação do Sesc Vila Mariana. Em 2017 criaram a instalação na exposição "A Reinvenção da Pintura" no CCBB Rio de Janeiro de Abraham Palatnik (Natal, RN, 1928). Artista cinético, pintor, desenhista. No mesmo ano pesquisaram e publicaram o livro

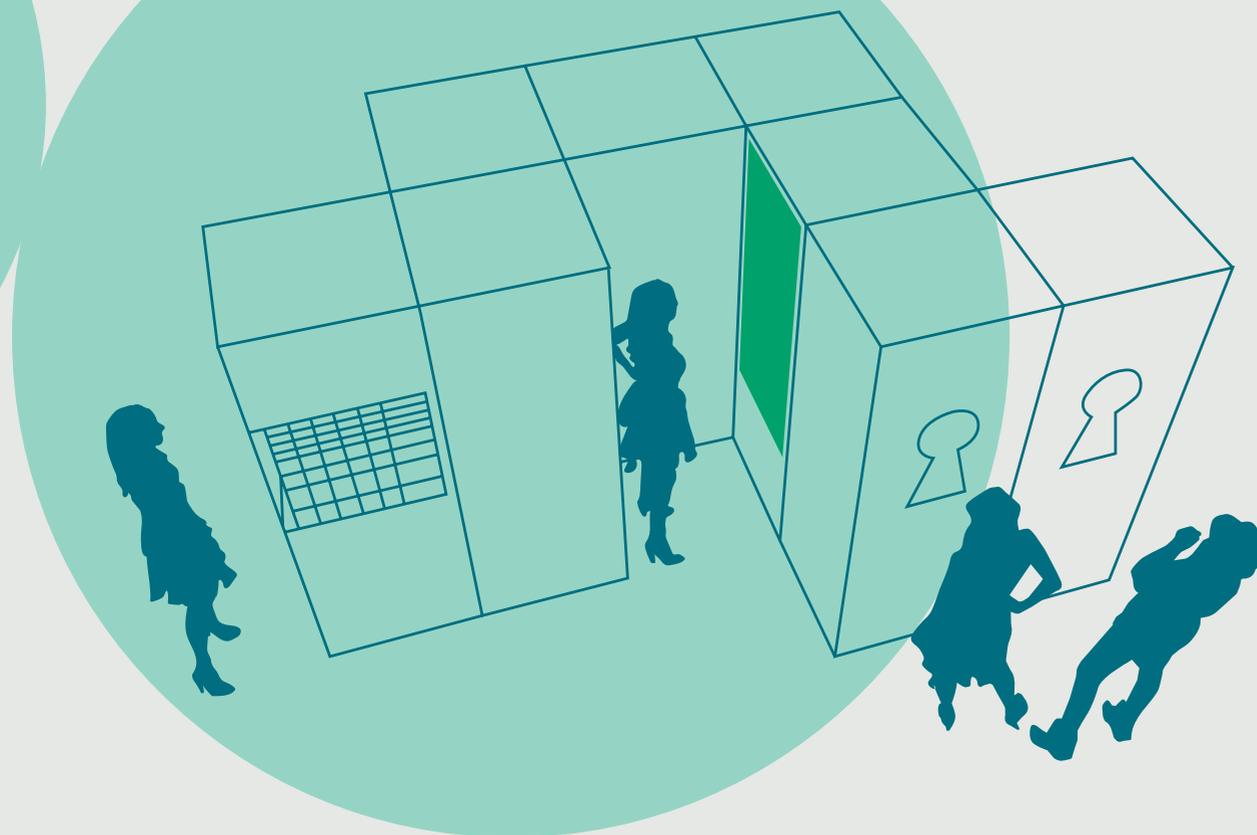
de fotografias "Estereofluxos", resultado de uma pesquisa em parceria de Gavin Adams, Muzi e Cotait retratam a cidade de São Paulo através de uma visão estereoscópica utilizando o método 3D anaglífico, ou seja, imagem esculpida ou gravada em baixo-relevo, em que há a ilusão de relevo ou profundidade.

Segundo os artistas, “Miração” se relaciona à mira, ato de mirar, miragem e mirante. Reflete a visão do outro e de si próprio na sociedade. São três partes dentro de uma instalação com jogo de espelhos, ou seja, a navegação se dá a partir de três dimensões/experiências: o eu, o outro e o nós, mapeados na obra sob os títulos “Miro-me”, “Miro-te” e “Miro-nos”. Olhar o comum de maneira expandida.

Em uma delas, o expectador se olha, mas o que vê, são as suas costas.

Na outra, o expectador se olha, mas vê o outro.

E no terceiro momento vê imagens misturadas como se fosse um caleidoscópio.



Miração

Marcos Muzi e
Rafael Cotait

Instalação interativa
Visores, espelhos, cubos
de acrílico, cristal, acetato
e lâmpadas de LED
500 x 500 x 250 cm
2018

Montagem e execução: EPROM expositores.
Agradecimentos: Anibal Fonseca, Reinaldo Cotait,
Kárin Cotait, Denise Arruda, Marcela Ribeiro, Fernanda
Del Guerra, Soraya Galgane, Fortunato Muzi, Nilsa
Miglioranza Muzi, Jaime Martins Secall, Luis Felipe
Abbud, Gavin Adams e Marcos Grossi.

Qual a dimensão do pensamento de Muzi e Cotait?



Suas obras interativas, exploraram a espacialidade virtual com ilusão ótica, perspectiva e estereoscopia, gerando espaços virtuais a partir de espelhamentos e reflexos.

Criam enigmas, brinquedos filosóficos, instalações interativas. Suas máquinas visuais trazem o inesperado, um susto na percepção onde há aspectos uma atmosfera misteriosa e mágica. Suas obras levam o público a refletir sobre a ideia de colaboração e convivência, necessidade de somar e compartilhar, construção a partir da pluralidade.

Pesquisam criptografias visuais como um conjunto de princípios e técnicas empregadas para cifrar a imagem e torná-

la ininteligível para os que não tem acesso às convenções combinadas, imagens cifradas para criar a ilusão da percepção.

Será que desenvolvimentos no campo científico como, por exemplo, na biologia e na robótica tem transformado nossa percepção sobre o que nos torna humanos?

A simbologia do espelho. Alucinação, delírio, quimera, devaneio, fantasia, imaginação, miragem, sonho, visão, aparência, fantasma, ficção, utopia? O espelho é um símbolo da pureza, da verdade e de sinceridade e traduz o conteúdo da consciência. Desde a antiguidade se faz presente lendas, ritos e mitos sobre o espelho. O espelho é também um sinal de sabedoria, conhecimento e iluminação nas tradições orientais. O espelho do sonho funciona mais como uma passagem, como uma via de comunicação entre a aparência e a essência. Revela ainda a realidade aparente, refletindo-a de forma invertida.

A palavra espelho tem origem no latim “speculum”, vinda de “specere”, que significa “olhar”. Será que o poder metafórico das máscaras sociais revela solidão existencial e fragilidade?

Tem sido uma prática milenar a representação artística do ser humano. O modo como o homem se representou ao longo dos tempos foi se alterando de acordo com a visão que tinha de si mesmo e do mundo que o rodeava, em um processo histórico. Tem um conhecimento ilimitado e é capaz de compreender a si mesmo e as coisas que o rodeiam. Mas, não consegue viver sozinho.



Reflexões sobre Escher - Anamorfose



Reflexões sobre Escher - Anamorfose

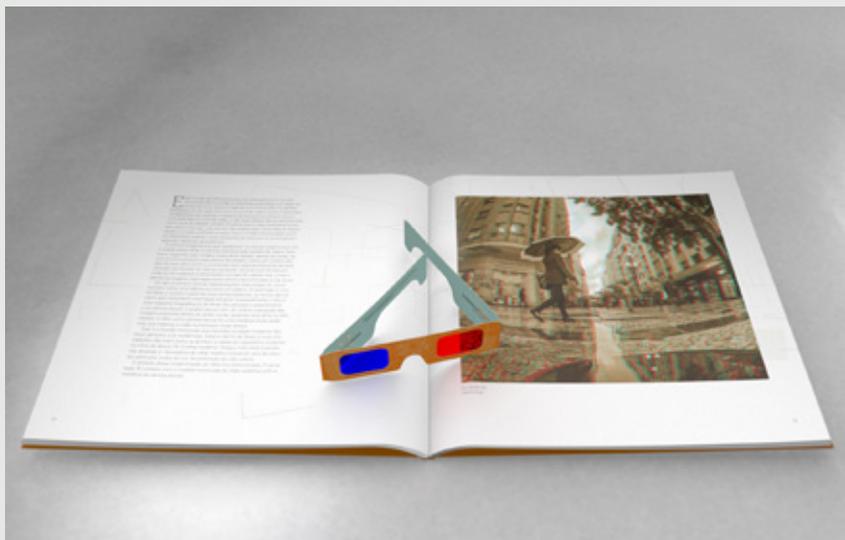
Experiencia Escher – sala da relatividade





Marcos Muzi e Rafael Cotait:
Água e Ar





Estereofluxos: São Paulo -
Livro 3D com fotos da cidade
de São Paulo, arte do projeto
Energia da Cidade



Marcos Muzi e Rafael Cotait: Instalação



O Grupo Inteiro: Carol Tonetti, Cláudio Bueno, Ligia Nobre e Vitor César. Foto: Haroldo Saboia

Composto por Carol Tonetti, Cláudio Bueno, Ligia Nobre e Vitor Cesar, reúne diferentes formações e práticas – nos campos da arquitetura, design, arte, comunicação, aprendizagem e

Quem são os integrantes d'O Grupo Inteiro?

tecnologia - que convergem, estabelecem correspondências e se expandem. Realizam pesquisas, agenciamentos, projetos espaciais, gráficos e tecnológicos em diversas escalas, ativando múltiplos modos de convivência.

Carol Tonetti nasceu em São Paulo, SP, 1974. Vive e trabalha na mesma cidade. Arquiteta, mestre em Projeto, Espaço e Cultura pela FAU-USP e doutoranda no mesmo programa. É professora na Escola da Cidade desde 2004, onde coordena a sequência de disciplinas voltadas aos meios de expressão e desenho. Articula diferentes parcerias e estratégias de ação em projetos com escalas e temporalidades distintas, aproximando arte e arquitetura.

Cláudio Bueno nasceu em São Paulo, SP, 1983. Vive e trabalha na mesma cidade. É artista visual e pesquisador, doutor em Artes Visuais pela Universidade de São Paulo (USP), 2015. Sua produção atual é orientada pela noção de campos de invisibilidade, entendidos pelo artista como mediadores imateriais capazes de estruturar, organizar e controlar as relações entre corpos, objetos e espaços. Foi residente no Museu da Imagem e do Som de São Paulo; na Delfina Foundation, Londres / Casa Tomada, São Paulo; e no La Chambre Blanche / Avatar, Cidade de Québec, onde também realizou a exposição individual *Le chant des sirènes: La construction d'un monument*, em 2011.

Ligia Nobre nasceu em São Paulo, SP, 1973. Vive e trabalha na mesma cidade. Pesquisadora e curadora, opera nos cruzamentos entre arte, design e arquitetura. Mestre em Histories and Theories pela Architectural Association School of Architecture (Londres) e doutoranda em Estética e História da Arte na USP. Atualmente é professora na Escola da Cidade. Foi pesquisadora e assistente de ensino dos arquitetos Jacques Herzog e Pierre de Meuron no ETH Studio Basel (Basiléia). Coeditora da revista Monolito #17, coordenadora editorial de “Trabalhando no Copan” de Peter Friedl.

Vitor Cesar nasceu em Fortaleza, Ceará, 1978. Vive e trabalha em São Paulo Estudou Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Ceará e realizou mestrado em Artes Visuais na ECA/USP, com pesquisa sobre noções de espaço público em práticas artísticas. Integrou o grupo de estudos em artes do Alpendre – espaço multidisciplinar – e fez parte do grupo Transição Listrada. Coorganizou o projeto Arte e esfera pública, edital Conexão Artes Visuais – Minc/Funarte (2008). Trabalha desde 2005 no projeto Basemóvel. Atualmente é professor na Escola Entrópica, Instituto Tomie Ohtake.

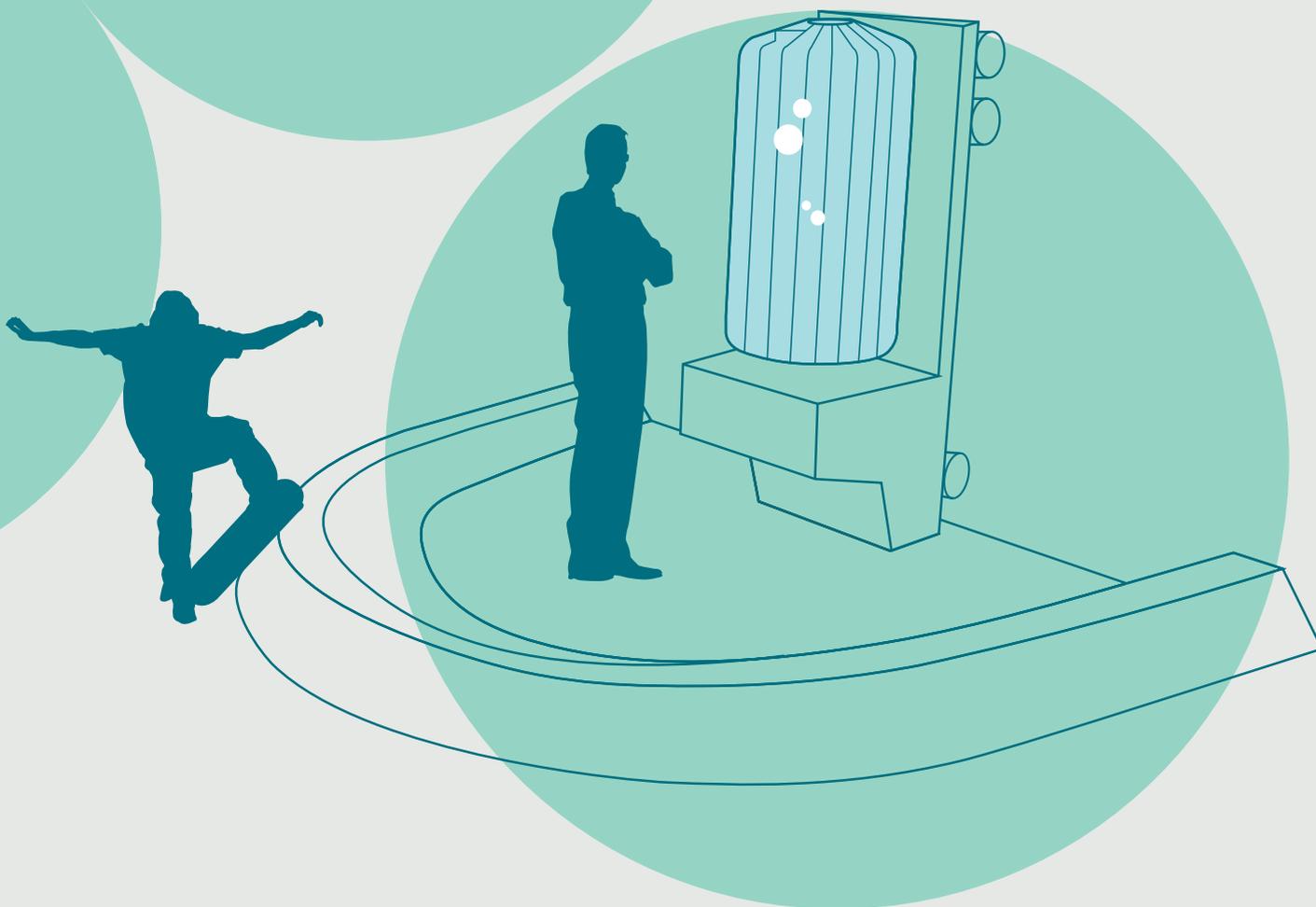
Uma instalação composta por uma fonte de água constitui o projeto "Metro Cúbico" do Grupo Inteiro. A obra criada para a Mostra 3M de Arte é uma forma de resgatar a disponibilidade da água como bem público, enquanto revela uma espécie de contradição da água como commodity, como ideia de mercadoria, um bem e como especulação e fator que influencia em decisões políticas. Assim, debate a importância da água como assunto político na cidade, abordando oferta versus escassez, mercadoria versus bem público.

"Metro Cúbico" reflete sobre a condição histórica de ter água acessível em praça pública. Abastecido por caminhão pipa (cerca de 2 mil litros de água a cada cinco dias de exposição), o projeto, que propõe ainda um ponto de convivência social, com seu entorno que possibilita se sentar

ou fazer manobras de skate, também inspira a relação da interação social com os monumentos (a instalação atinge 3,5 metros de altura em seu ponto mais alto), o imaginário político e estético da cidade e a memória afetiva social.

Cada lugar ou objeto tem uma força simbólica? Imagine deambular pela cidade, ou seja, vagar, passear sem rumo e encontrar este chafariz-bebedouro no Largo da Batata. Talvez seja possível se conectar com alguma história de São Paulo. Temporalidades diferentes e uma suspensão do instante.

Para conhecer mais as pesquisas do Grupo Inteiro:
<http://www.ogrupointeiro.net>.
<https://www.select.art.br/para-alem-do-espaco/>.



Metro Cúbico

O Grupo Inteiro –
Carol Tonetti, Cláudio
Bueno, Ligia Nobre,
Vitor Cesar

Argamassa armada e aço
Sistema hidráulico em inox
12m3 de água potável
500 x 600 x 345 cm
2018

Desenvolvimento: **O Grupo Inteiro**
Produção e execução: **Guilherme Pardini, Valdemir
Lúcio Rosa e Maurício Zatti**; Cálculo Estrutural: **Valdemir
Lúcio Rosa e Fábio Gallo**; Agradecimentos: **Marússia
Whately, Denis Joelsons, Marisa Roriz, Silvana Rega,
Mario Tonetti e José Marques Mororó.**

Qual a dimensão do pensamento dos integrantes d'O Grupo Inteiro?

Novas reflexões sobre modos de convivência a partir de temas como a esfera pública, a política atual, a história, as relações humanas e mesmo os próprios objetos.

Proposições acerca de diferentes modos de usos e apropriações do espaço e o que se elabora a partir das relações entre corpos, espaços, objetos, sons, políticas, histórias e narrativas.

Interrogações a respeito das dinâmicas dos espaços.

Delineação de novas formas de pensar a comunicação poética a partir de um diálogo entre arte e arquitetura.

“A arte inventa novas formas de pensar a vida e manifesta de maneira explícita aquilo que faz parte de toda atividade humana, ou seja, o uso de metáforas e o pensamento simbólico na geração de conhecimento.” O Grupo Inteiro

Considerações sobre operações semânticas que se dão na construção de narrativas em disputa por imaginários e histórias, públicas e privadas.



Condutores, 2016, na exposição Playgrounds
2016 no MASP

Fotos: O Grupo Inteiro





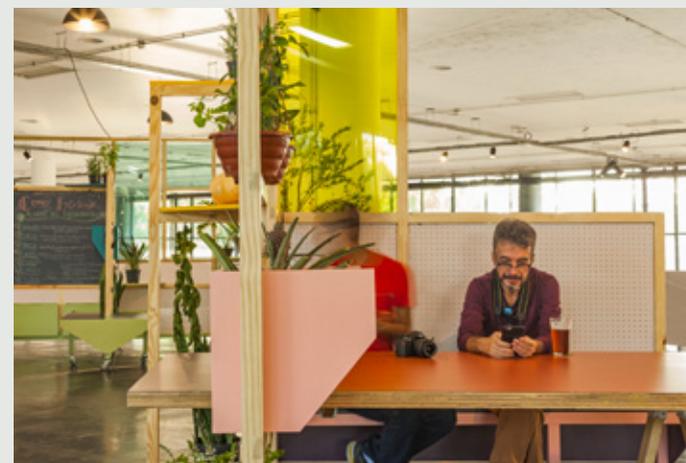
Campos de Preposições - Sesc Ipiranga, 2016
Fotos: Marcos Cimardi





Manejo, 2016, em colaboração com a obra Restauro, do artista Jorge Menna Barreto, para a 33a Bienal de Artes de São Paulo

Fotos: Marcos Cimardi





Raquel Kogan

Nascida em São Paulo. Vive e trabalha na mesma cidade. Formada em arquitetura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em 1978.

Raquel Kogan utiliza reflexões em vidros, espelhos e água, em instalações com séries numéricas infinitas e multiplicações imagéticas e sonoras que se articulam

Quem é Raquel Kogan?

para formular um novo espaço gerador de distintas leituras na interação com o público. Em suma, investiga os meios digitais e seus mecanismos de interação entre sensações e o espaço tridimensional interior e urbano.

Artista multimídia, gravadora, pintora. Realiza principalmente instalações, em que o espectador é levado a reagir aos estímulos gerados por seus objetos e vídeos.

Expõe pinturas e gravuras em coletivas de diversos países, bem como vídeos – como, por exemplo, o intitulado bmg 8970, exposto no Rencontre Internationales Paris/Berlin, em Paris. Já participou de diversas exposições realizadas em célebres instituições,

como o Espaço Cultural da Capela do Morumbi (São Paulo), o Itaú Cultural (São Paulo), o Centro Cultural Banco do Nordeste (Fortaleza), o OI Futuro (Rio de Janeiro), além da XX Bienal Internacional de Curitiba. Além disso, recebeu prêmios como o Transmídia Itaú Cultural, o Rumos Cibernética (2007), da Funarte São Paulo (2011), o Rumos Cinema (2013). Premiada no Transmídia Itaú Cultural 2002.

A instalação #Reflexão1, que tem como desdobramentos #Reflexão2 (2005) e #Reflexão3 (2006), é apresentada no Itaú Cultural; na Ciber@rt 2004 do Festival de Novas Tecnologias+Arte e Comunicação de Bilbao, na Espanha e no Zentrum für Kunst und Medientechnologie (ZKM), Karlsruhe, Alemanha.

“Falante por definição é aquele que fala demais, ou de forma inconveniente. Falante, a instalação, é constituído de três peças independentes com alturas diversas, cada um dos cotovelos do objeto tem 12m de comprimento. Um grande telefone sem fio feito de canos de aço, na qual uma pessoa fala e não só a outra pessoa que estiver no ponto oposto de escuta ouve, mas também todos passando pelo megafone colocado no meio do objeto, este intercepta o som e o amplifica para o espaço.”

“O som é emitido por uma fonte sonora, que provoca uma onda longitudinal, a direção da propagação é a mesma da direção da vibração, no caso corre no interior dos canos de aço; é tridimensional, pois se propaga em todas as direções e na obra isto se dá através de um megafone colocado de forma a vazar o som para o espaço público.”

Raquel Kogan

Falante

Raquel Kogan

Instalação sonora interativa
3 peças de 120 x 120 cm
Tubos em aço inox
2018



Execução: Autoraf Arte e Tecnologia

Largo da Batata

/SP

As pessoas ouvem umas às outras e tiram conclusões livres e subjetivas. Mas, com o imenso acesso às informações, emitem opiniões apressadas, sem atenção. Parecem, às vezes, incapazes de ouvir e trocar ideias sobre algo que não haviam pensado antes. Por que alguns preconceitos midiáticos impedem algumas pessoas admirar e aceitar o que é diferente? Será porque se enamoram de suas certezas? Alguns procuram somente novidades, mas poucos buscam o menos visível, a sutileza das palavras.

Para pensar

Será que há uma polifonia de pensamentos e certa incomunicabilidade? É importante ponderar que nesse início de século têm ocorrido grandes mudanças cognitivas como a redução da complexidade, ou melhor, uma redução na capacidade de pensar e um encolhimento da memória, porque se esquece das coisas no minuto seguinte. Todo mundo quer falar. Ninguém quer escutar.

Polifonia multiplicidade de sons; combinação simultânea de várias melodias.

Qual a dimensão do pensamento de Raquel Kogan?

Seu trabalho com a linguagem se perfaz ao estudar as dimensões e os limites da interação, pois assim se entende que há sentido somente na relação com o outro. Grafismos e números são tema constante em seu trabalho, relação estreita com a escrita e outros códigos linguísticos. Numerais “funcionam como linguagem, ícone, símbolo”. Tanto em suas pinturas e gravuras quanto em suas instalações e projetos multimídia utiliza códigos alfanuméricos que se arranjam em formações pictóricas.

“Minha tese de arquitetura é uma matriz de correlação de números. Eu penso assim. Eu entendo as relações assim. Eu contemplo o mundo assim. É a minha linguagem”. São investigações sobre interação e sobre o agenciamento de

espaços pelas mídias digitais. “Várias leituras que se anulam e se reduzem ao essencial: o aspecto visual, quase tátil, do texto escrito.” Antonio Malta Campos (São Paulo SP 1961) pintor, gravador, desenhista.

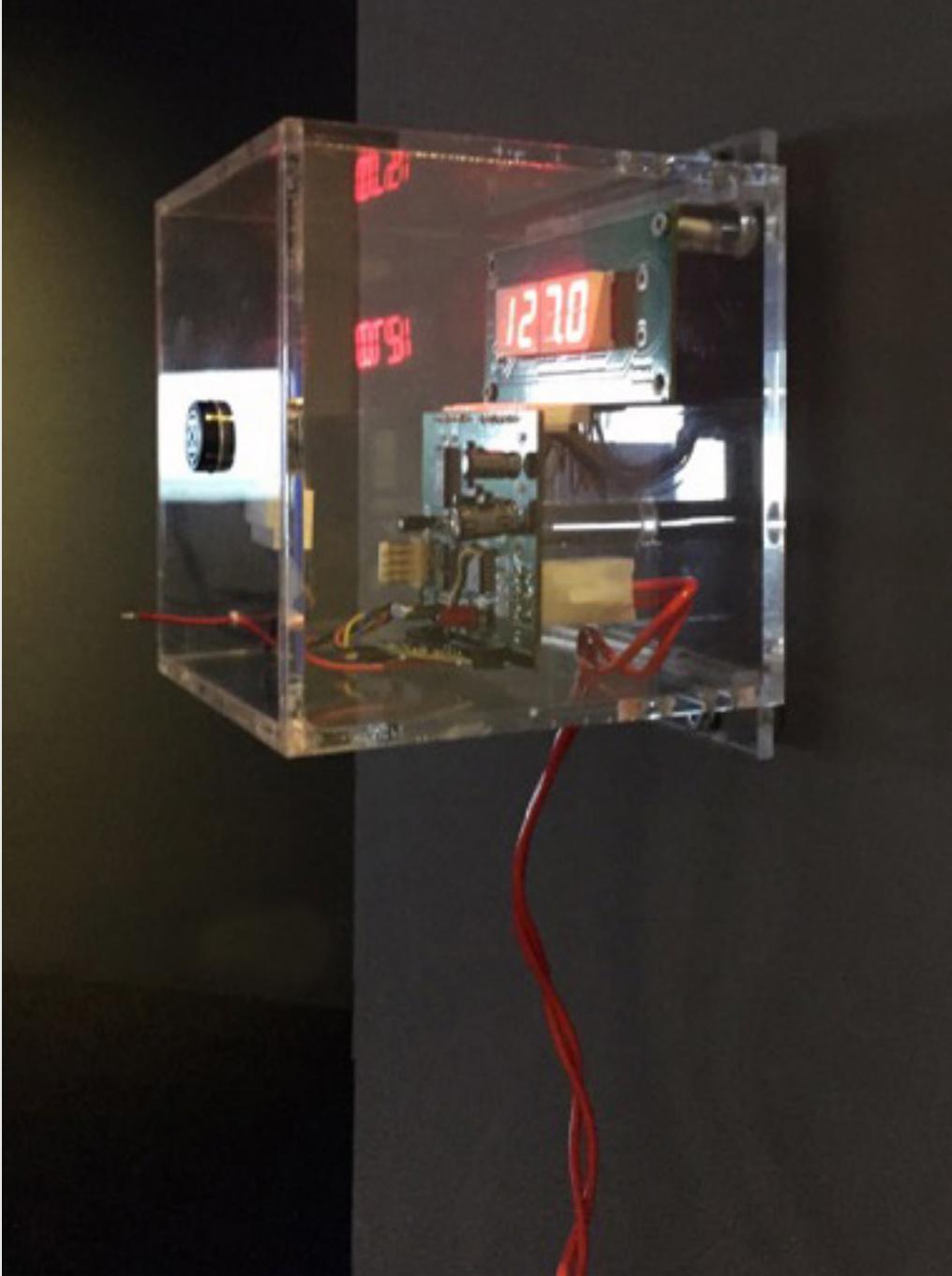
Diante desse mundo hostil e de uma realidade indecifrável, com inúmeras visões de mundo e representações falseadas nas mídias, gritos e apelos à emoção ou à crença pessoal influenciam a formação da opinião pública.

“Estamos na era do eu, mas a expressão é insuficiente para descrever o que de fato se passa. No século XX, o centro era o eu e isso levava à interioridade e à reflexão sobre si mesmo. Hoje, vivemos uma paradoxal aliança do eu com o exterior: para as pessoas ainda centradas em si, o olhar do outro passa a ocupar uma posição estratégica com grande interferência.”

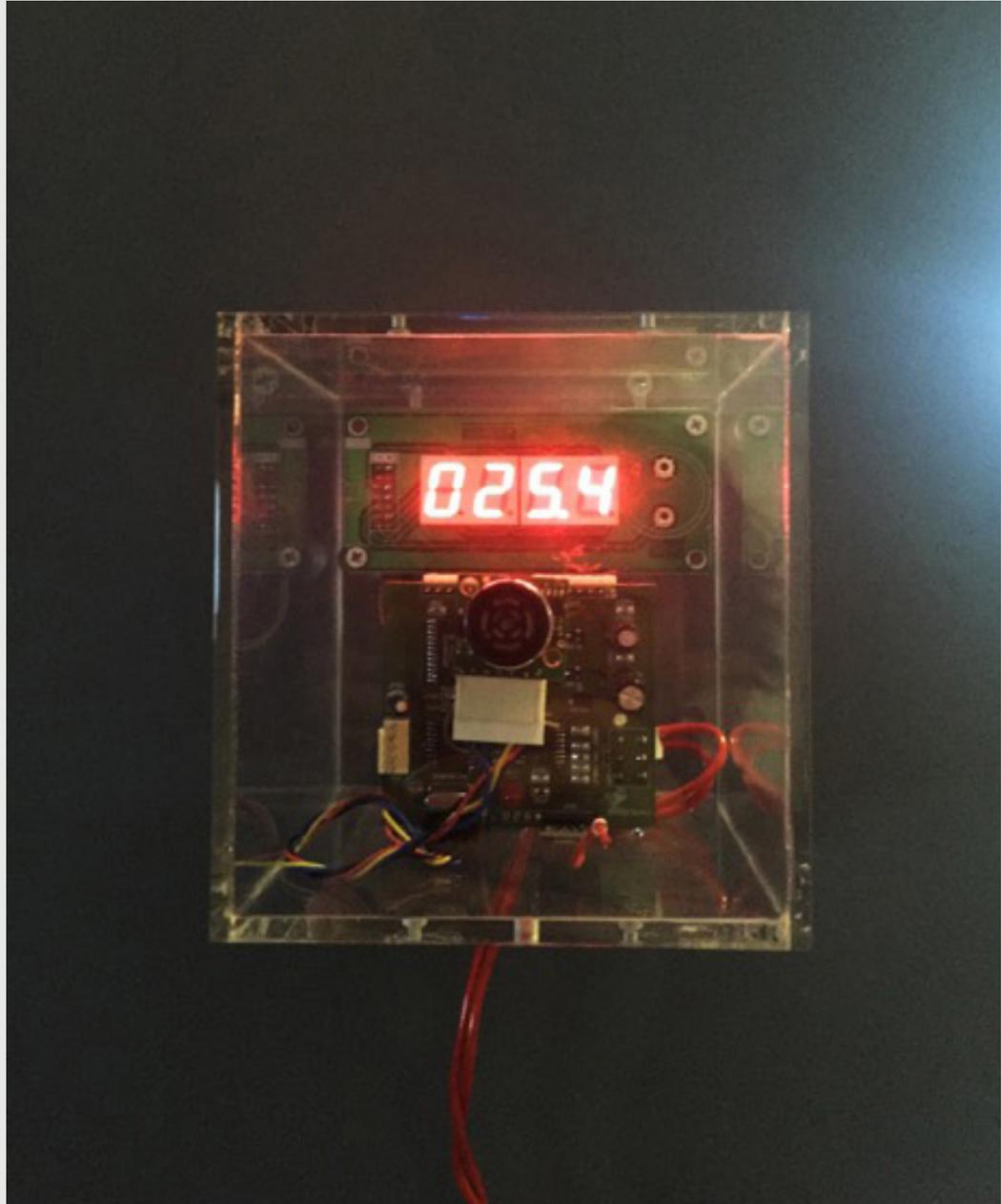
Joel Birman, psicoterapeuta e professor UFRJ. Vitória, ES, 1946.







Raquel Kogan: S 22° 53' 38.4235" W 43° 11' 53.3629



Raquel Kogan: ponte



Para saber mais sobre Raquel Kogan

CAMPOS, Antonio Malta. Texto escrito em julho de 1999. Disponível no site da artista:

http://www.raquelkogan.com/rk_page_obra_002.php.

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa251338/raquel-kogan>.

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/8/06/ilustrada/22.html>.

<http://www.raquelkogan.com>.

Raquel Kogan – Rumos. Disponível em: [youtube.com](https://www.youtube.com)

Edital para Seleção de Trabalho – 8ª Mostra 3M de Arte

A 8ª Mostra 3M de Arte recebeu, por meio de edital, inscrições para a participação de artistas com seus projetos de instalação pública. Como requisitos, os artistas deveriam ser residentes no Brasil, maiores de 18 anos e terem até 15 anos de produção artística, contados a partir da primeira exposição em espaços institucionais.

O Edital para Seleção de Trabalho da 8ª Mostra 3M de Arte ofereceu R\$ 30.000,00 para a execução do projeto no espaço público e mais R\$ 5.000,00 como cachê ao artista selecionado. A seleção do trabalho foi feita por Bernardo Mosqueira e apoio técnico da Elo3, idealizadora e realizadora da Mostra desde sua primeira edição.

A vencedora do edital foi a Regina Parra, com o trabalho “É Preciso Continuar”.

Curadoria do Edital - Bernardo Mosqueira



Bernardo Mosqueira é curador e escritor. É um dos fundadores e gestores do Solar dos Abacaxis, espaço independente para arte, educação e transformação social no Rio de Janeiro; Vencedor da 9ª edição do Prêmio Lorenzo Bonaldi para curadores com menos de 35 anos, realizado bianualmente pelo GAMEC, em Bergamo, na Itália, com o projeto “Enchanted Bodies/Fetish for Freedom”; Idealizador e diretor do Prêmio FOCO Bradesco ArtRio desde 2013; Membro da Comissão Curatorial da Galeria de Arte IBEU de 2011 a 2015; Lecionou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage; Realiza de forma independente o festival de performance ‘ ‘Vênus Terra ‘ ‘ desde 2010; Foi um dos premiados no 1º Laboratório Curatorial da SP-Arte com a exposição “Tropa-Tropa

no Campo Expandido”, 2012; É autor de diversos ensaios, catálogos e do livro de ficção “Carta Aberta por Zé Bento e Entendida por Zé Jorge” (2013); Foi responsável por dezenas de curadorias.

Edital para Seleção de Trabalho – A Seleccionada

Texto de: Bernardo Mosqueira -
Curador responsável pelo Edital para
seleção de projeto

“A partir de uma pesquisa sobre as relações entre opressão e insubordinação, a artista Regina Parra vem elaborando desde 2005 pinturas, vídeos, performances e instalações que examinam e cultuam a resistência. Nascida em São Paulo em 1981, a artista é bacharel em artes plásticas com orientação de Paulo Pasta em 2008 e é mestre em Teoria e Crítica de Arte com orientação de Lisette Lagnado em 2011, mas se formou inicialmente em teatro em 2000 com orientação de Antunes Filho. No campo das artes cênicas, trabalharia como diretora até 2003, e a experiência

nesta área trouxe para sua produção desde o começo uma visão especial sobre os muitos vetores de sentido que podem cruzar simultaneamente composições entre corpos humanos, objetos e espaços. No ano de 2008, Parra fez parte de um grupo que acabou por ser conhecido como “2000e8”, formado por oito artistas paulistanos que participaram de uma curadoria de Paulo Pasta e que tinham em comum o desejo de investigar as potências da pintura na contemporaneidade. Desde então, sua pesquisa tem se endereçado cada vez mais à sinalização da herança colonial, encontrando, deslocando e torcendo vestígios ativos das injustiças do patriarcado, do colonialismo e do capitalismo.

Na arqueologia, muitas vezes são os fragmentos de objetos (inacabados, danificados, descontinuados) que, por oferecerem mais perguntas, acabam nos levando a cercar mais de perto a cultura na qual se originaram. Os trabalhos de Regina, da mesma forma, ainda que essencialmente politizados, não nos atingem com dogmas totalizantes ou respostas pretensamente completas aos dilemas políticos de nosso tempo. São as lacunas presentes em seu trabalho que nos inspiram questionamentos importantes sobre nossa cultura e acima de tudo sobre nossa atividade diante das estruturas de poder, controle e opressão. Seleccionada pelo primeiro edital aberto da Mostra 3M, Regina Parra estará presente na edição 2018 desta exposição com o

trabalho inédito “É preciso continuar”. Um grande luminoso em neon vermelho, instalado no centro do Largo da Batata, exibirá uma expressão inspirada em um trecho do romance “O inominável”, escrito pelo irlandês Samuel Beckett no contexto do pós-Segunda Grande Guerra em 1953.

Estas palavras, refletidas nos passantes, podem fazer-nos notar o quanto somos ao mesmo tempo frágeis e resistentes, vulneráveis e poderosos. A praça é cenário especialmente fértil para os trabalhos de Parra. A artista já há alguns anos vem trabalhando com questões relativas à negociação do real a partir do prisma de grupos não-hegemônicos (como são os imigrantes, os negros e as mulheres). A praça, sendo esse espaço público por

definição, se torna ambiente propício para suas reflexões e reverberações.

Em um momento em que as narrativas sobre o Brasil estarão sendo disputadas com intensidade máxima, neste cenário tradicional para as manifestações políticas em SP, o trabalho de Regina Parra poderá nos fazer observar nossos impulsos insurgentes e nossos limiares de resistência. O que nos faz tolerar a opressão? Onde está o ponto crítico da insurgência? Em que momento a insatisfação pode transformar a imobilidade da subserviência em criações desobedientes? De que maneira a fé no movimento insurgente poderá fazer eclodir uma transformação nas estruturas de poder? Como será possível construir

esse novo sistema, esse novo presente? É preciso continuar. Não posso continuar. É preciso continuar. Então vou continuar..”

Quem é Regina Parra?



Regina Parra nasceu em São Paulo, em 1981, onde vive e trabalha. É mestre em Teoria e Crítica da Arte pela Faculdade Santa Marcelina e bacharel em Artes Visuais pela FAAP- SP.

Nos últimos anos realizou exposições individuais na Galeria Millan (SP), Pivô (SP), Centro Cultural São Paulo, Galeria Leme (SP), Fundação Joaquim Nabuco (PE) e Paço das Artes (SP).

Entre as coletivas, destacam-se as internacionais Sights and Sounds, com curadoria de Luiza Proença e Jens Hoffmann, no The Jewish Museum, Nova York; FUSO – Festival Internacional de Video Arte, curadoria de Lisette Lagnado, Museu Nacional de Arte Antiga,

Lisboa; Say the Same Thing, curadoria de Giovanna Bragaglia e Miwa Negoro, OnCurating Project Space, Zurique; CPR Film Festival Argentina, curadoria de Tainá Azeredo, Buenos Aires.

No Brasil, destacam-se as participações em Arquitetura e Paisagem Urbana, com curadoria de Cauê Alves, no MuBE; O espírito de cada época, curadoria de Rejane Cintrão, o Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto; Encruzilhada, curadoria de Bernardo Mosqueira, Parque Lage, Rio de Janeiro; Frestas_I Trienal de Artes, curadoria Josué Mattos, Sesc Sorocaba; Cães sem Plumas, curadoria de Moacir dos Anjos no Museu de Arte Moderna de Recife; Rumos Artes Visuais, curadoria de Agnaldo Farias no Itaú Cultural; 17o Festival Internacional de

Arte Contemporânea SESC_Videobrasil, curadoria de Solange Farkas no SESC Belenzinho; À Sombra do Futuro, curadoria de Luiza Proença no Instituto Cervantes, e Grupo 2000e8, curadoria de Paulo Pasta no SESC Pinheiros.

Recebeu os seguintes prêmios: I Prêmio Ateliê Aberto Videobrasil (2011), Prêmio Destaque da Bolsa Iberê Camargo (2009) e o Primeiro Prêmio da Anual de Artes da Faap (2006). Em 2012 o Prêmio de Videoarte da Fundação Joaquim Nabuco e foi indicada ao Prêmio de Artistas Emergentes da Fundação Cisneros. Em 2017 foi contemplada com o Prêmio de Residência Artística da SP-Arte.

Sua obra faz parte do acervo de instituições como Pinacoteca de São Paulo, Instituto Figueiredo Ferraz, VideoBrasil, entre outras.

“De todas as coisas que existem, as que realmente importam são aquelas que nos fazem interromper um percurso e prolongar um instante.” Élide Tessler, artista visual (Porto Alegre, RS, 1961).

Como formas de arte podem se diferenciar das formas de entretenimento?

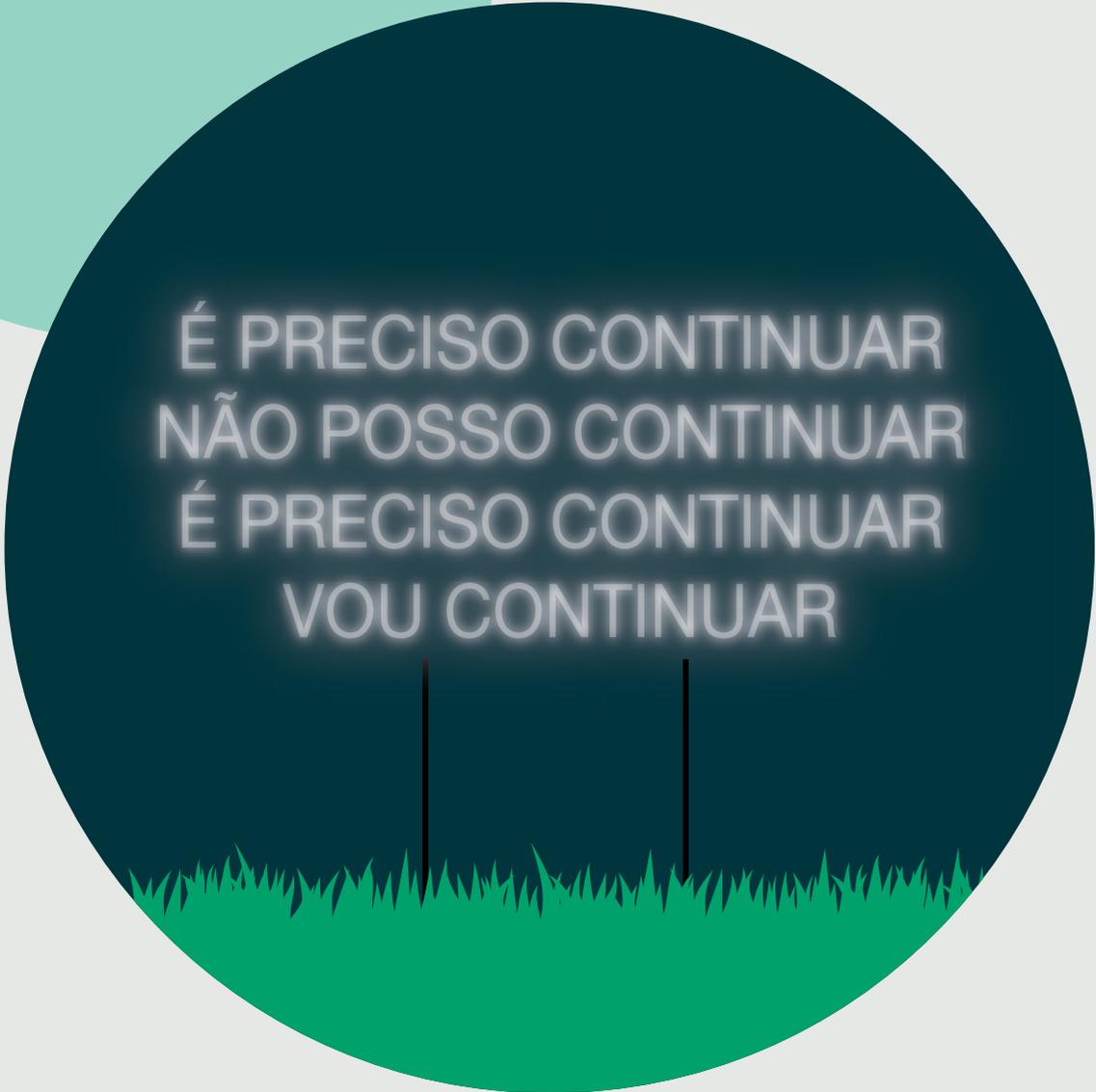
Placas de neon estão em toda parte. Mas, quem sabe procurando ter uma atitude simbólica, isto é, alimentar a capacidade de dar significado às experiências da arte e da vida seria possível enxergar além dos fatos, interpretando-os além da sua visualidade e materialidade. Um exercício poético e crítico para interpretar o mundo.

A dificuldade de abstrair, às vezes impossibilita algumas pessoas a interpretar as artes visuais e outras expressões artísticas.

A 8ª. Mostra 3M de Arte nos estimula a pensar abstrações e metáforas. O fato de acontecer em um local icônico, que simboliza parte da história de São Paulo, o imaginário, histórias pessoais e informações dos milhões de pessoas que transitam pelo Largo da Batata se conectarão com as obras de arte de valor estético criando uma rede poética e não lógica.

Um grande luminoso em neon, sedutor e festivo, está instalado no centro do Largo da Batata. Aos passantes que o cruzam, se revelará como pequeno tesouro encontrado ao acaso. O texto do letreiro se refere a um excerto do livro “O inominável” (1949) de Samuel Beckett, dramaturgo e escritor irlandês (Foxrock, Irlanda, 1906- Paris, França, 1989). A expressão aparentemente carregada de energia vital apresenta-se como paradoxo: conjuga falha e possibilidade, potência de existir e fragilidade.

“É Preciso Continuar” se configura simultaneamente como um jogo duplo de promessa e ameaça. Continuar ou não? Possibilidade frágil, mas, ainda assim, desejo materializado e iluminado de continuidade e sobrevivência frente às inúmeras impossibilidades e situações de negação ditadas por uma cidade como São Paulo.



É PRECISO CONTINUAR
NÃO POSSO CONTINUAR
É PRECISO CONTINUAR
VOU CONTINUAR

É Preciso Continuar

Regina Parra

Luminoso em neon
300 x 500 cm
2018

Produção Neon: **Neon 3 estações**
Estrutura e montagem: **Madeira design**

Qual a dimensão do pensamento de Regina Parra?

Pintura, vídeo e performance são os principais expedientes poéticos de que Regina Parra lança mão para abordar questões como resistência e subversão. A formação em teatro e o traquejo nesse campo estabelece conexão entre artes performáticas – especialmente a tragédia grega – e sua produção como artista visual. Sua experiência em dirigir atores e criar cenários para o teatro torna-se evidente em seus vídeos, composições e performances. Mas, ao mesmo tempo, o corpo desempenha, também, papel central em suas pesquisas, sobretudo o corpo da mulher enquanto lugar de afirmação e potência. Fica evidente a sua fragilidade e vulnerabilidade.

Há, enquanto isso, a possibilidade de superar suas restrições, investigando como movimentos podem ser transformados e adaptados – algo a que a artista se refere como sendo inteligência física ou maleabilidade.

Nada é explícito na obra de Parra, coisa que suas pinturas desmaiadas e enevoadas já deixavam entrever desde que a artista despontou na cena paulistana, transpondo para a pintura as visões furtivas de câmeras de vigilância em circuitos fechados de TV.

Comentário do pesquisador, crítico e curador Moacir dos Anjos (Pernambuco, Recife, 1963) sobre sua obra:

“São muitos, afinal, os obstáculos ao movimento livre de corpos em um mundo supostamente fluido, tornando as travessias migratórias contemporâneas custosas e arriscadas para muitos daqueles que as empreendem. Custos e riscos que são tão maiores quanto mais pobres são os migrantes e quanto mais encarnem a ideia do diferente ou do outro aos olhos daqueles que são naturais dos lugares de sua pretendida chegada.

Regina Parra tem se debruçado sobre esses movimentos valendo-se, para isso, de meios diversos – vídeo, instalação e pintura –, sendo das poucas artistas brasileiras a criar formas e imagens críticas desse processo que permanece em curso aberto não se sabe por quanto tempo, tanto fora como no interior de seu país.”

Regina Parra: Ophelia





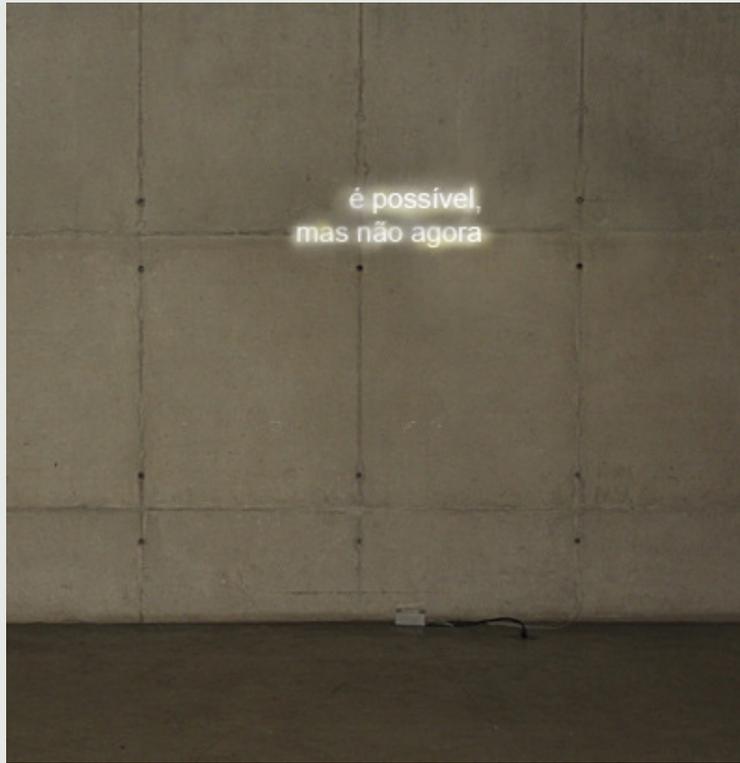
Regina Parra: A venenosa,
2018 | Óleo sobre papel |
40 x 37,5 cm

Regina Parra: A libidinosa,
2018 | Óleo sobre papel |
30 x 32 cm



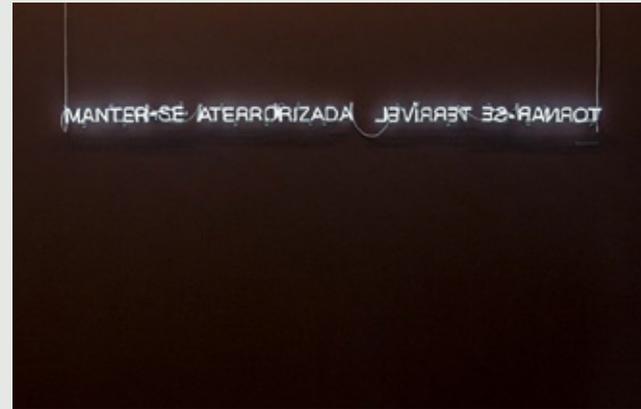


Regina Parra: Chance



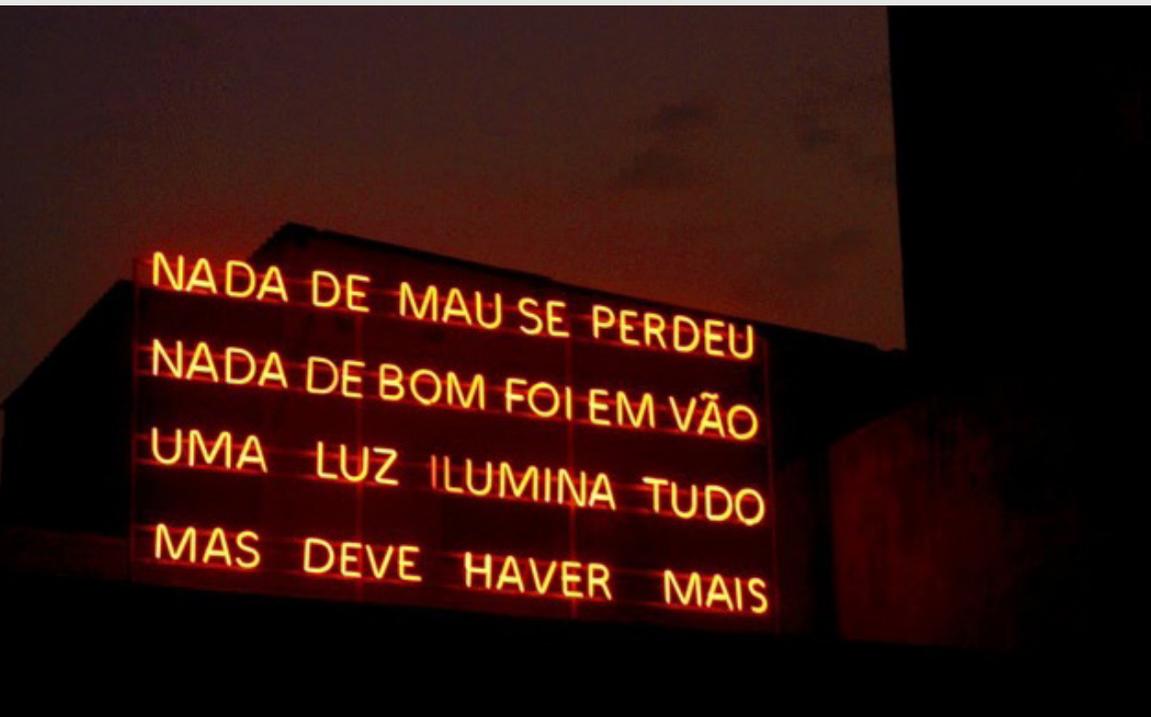
Regina Parra:
É possível, mas não agora

Regina Parra: A Zona



Regina Parra:
Manter-se/Tornar-se

Regina Parra:
Atrás das Janelas



Um projeto de continuidade, com linguagem contemporânea e em constante evolução.

A Mostra 3M de Arte nasceu em 2010, pequena, mas ambiciosa: uma exposição para discutir os limites da arte digital – arte digital é arte? Hoje, 8 edições depois, o projeto ampliou seu campo de discussão para temas contemporâneos relevantes, saiu da Galeria e foi para a rua, para conectar arte com a cidade e trazer mais poesia para os olhares dos habitantes de uma São Paulo que é diversa e cheia de referências globais.

Até 2017 foram mais de 300 mil pessoas impactadas pelos trabalhos de 112 artistas convidados e outros 50 que tiveram espaço aberto em importantes centros de artes para divulgar seus trabalhos por meio de concursos culturais promovidos pela Mostra 3M de Arte.

A cada ano novos desafios e novos aprendizados, sempre escalando degraus de maturidade e também de responsabilidade em oferecer cada vez um projeto melhor para a nossa cultura e para a sociedade.

Fernanda Del Guerra
e Soraya Galgane